DAVAR POLISSÊMICA

A presença ameríndia no Amapá: reflexões a partir das práticas religiosas de cura

The Amerindian presence in Amapá: reflections based on religious healing practices

Daniel Ribeiro Ferreira Junior[80]
Doutorando no PPG em Educação na Amazônia (Unifap)

Marcos Vinicius de Freitas Reis[81]
Docente no PPG de História e no PPG de Educação na Amazônia (Unifap)

Recebido em: 02 mar. 2026 Aprovado em: 15 jun. 2026

[80] Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação na Amazônia (Educanorte). Mestre em História Social pelo programa de Pós-Graduação em História-PPGH da Universidade Federal do Amapá. Especialista em Ensino Religioso pela Faculdade de Teologia e Ciências Humanas do Amapá-FATECH (2014). Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Amapá-UNIFAP (2012). É membro/pesquisador do Centro de Estudos de Religiões, Religiosidades e Políticas Públicas (CEPRES) da Universidade Federal do Amapá. Atualmente desenvolve a função de professor de Ensino Religioso na rede Municipal do município de Ferreira Gomes-AP e na rede Estadual de Ensino. CV Lattes: http://lattes.cnpq.br/0563577830141400 E-mail: danielribeirojr@hotmail.com

[81] Pós-Doutor em Estudos de Fronteira pela UNIFAP. Pós-Doutor em Ciências da Religião pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). Doutor em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos. Docente do Curso de Mestrado Acadêmico em História Social da UNIFAP. Docente do Mestrado Profissional em História da Universidade do Estado do Maranhão (UEMA). Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação na Amazônia - Educanorte. Coordenador da Especialização em Ciências da Religião - UNIFAP. Docente da Especialização em Gestão Escolar da Universidade do Estado do Amapá (UEAP) Docente do Curso de História da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Professor Visitante da Universidade Católica de Cabo Verde. Possui graduação em História pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e mestrado em Ciência Politica pela Universidade Federal de São Carlos (Ufscar) . Líder do Centro de Estudos de Religião, Religiosidades e Politicas Públicas (CEPRES). Filiado a Associação Nacional de Historiadores Sessão Amapá (ANPUH AP). Filiado à Associação Brasileira de Historiadores da Religião (ABHR). Faz parte da equipe de Assessores e da Comissão Executiva do Centro Nacional Helder Camara (CEFEP). Filiado a Associação Brasileira de Teologia (SOter). Representante da Região Norte na Soter. Filiado à Associação Nacional de História - ANPUH. Tem experiência na área de Sociologia, com ênfase em Sociologia da Religião, atuando principalmente nos seguintes temas: Religião e Politica, Diversidade Religiosa na Amazônia. CV Lattes: http://lattes.cnpq.br/0706355533898912 Orcid: https://orcid.org/0000-0002-0380-3007 E-mail: marcosvinicius5@yahoo.com.br

Resumo: O artigo discute a presença indígena no Amapá, destacando sua trajetória histórica desde a colonização até os dias atuais, com foco nas práticas religiosas de cura e nos rituais que reafirmam identidade e resistência cultural. Aborda a pluralidade étnica do estado, a importância da oralidade e da memória coletiva na transmissão de saberes, e a centralidade da religiosidade como elemento agregador da vida social. Os rituais, como o Turé, e a atuação dos pajés revelam uma medicina espiritual e natural que integra corpo, espírito e ambiente, preservando tradições e fortalecendo laços comunitários. O texto evidencia que tais práticas não apenas resistiram ao processo colonizador, mas continuam vivas como patrimônio cultural e espiritual dos povos ameríndios amapaenses.
Palavras-chave: Indígenas amapaenses. Religiosidade. Cura. Rituais. Resistência cultural.

Abstract: The article discusses the indigenous presence in Amapá, highlighting their historical trajectory from colonization to the present, with a focus on religious healing practices and rituals that reaffirm identity and cultural resistance. It addresses the state's ethnic plurality, the importance of orality and collective memory in the transmission of knowledge, and the centrality of religiosity as an integrating element of social life. Rituals such as Turé and the role of shamans reveal a spiritual and natural medicine that integrates body, spirit, and environment, preserving traditions and strengthening community bonds. The text shows that such practices not only resisted the colonial process but remain alive as cultural and spiritual heritage of the Amerindian peoples of Amapá.
Keywords: Amapá Indigenous. Religiosity. Cure. Rituals. Cultural Resistance.

Introdução

A presença ameríndia no Amapá constitui um dos elementos mais significativos para compreender a formação histórica, cultural e religiosa do Estado. Situado em uma região estratégica da Amazônia, marcada pela diversidade de povos e pela pluralidade de práticas sociais, o Amapá revela-se como um território de encontros, resistências e permanências. Desde os

primeiros contatos com os colonizadores europeus, ainda no século XVI, até os dias atuais, os povos indígenas que habitam essa região têm desempenhado papel central na construção de identidades coletivas e na manutenção de saberes tradicionais que atravessam gerações.

A história do Amapá é marcada por disputas territoriais, projetos coloniais e pela presença de ordens religiosas que buscaram impor novos modos de vida às populações locais. Contudo, os indígenas amapaenses resistiram a esses processos, preservando práticas culturais e religiosas que se tornaram fundamentais para a compreensão da dinâmica social da região. Essa resistência se expressa tanto na manutenção de rituais ancestrais quanto na reelaboração de práticas que dialogam com influências externas, como o cristianismo, sem perder de vista a centralidade da relação com a natureza e com os seres invisíveis que habitam seu universo cosmológico.

A religiosidade ameríndia, especialmente no que concerne às práticas de cura, revela-se como um campo fértil para a reflexão sobre a interação entre corpo, espírito e ambiente. Os rituais conduzidos pelos pajés, as festas coletivas como o Turé, e o uso de plantas medicinais demonstram que a saúde, para os povos indígenas, não pode ser dissociada da espiritualidade e da coletividade. Trata-se de uma medicina que transcende o aspecto físico e que se fundamenta em uma visão holística da vida, onde o equilíbrio entre os seres humanos, os animais, os espíritos e a natureza é condição essencial para a existência.

Neste sentido, este artigo constitui-se como parte da dissertação de Mestrado em História Social da Universidade Federal do Amapá intitulada "O apagamento das manifestações religiosas indígenas do Amapá na BNCC e RCA, 2018 – 2020" e busca refletir sobre a presença ameríndia no Amapá a partir das práticas religiosas de cura, destacando como tais manifestações se constituem em estratégias de resistência cultural e em formas de reafirmação identitária. Ao analisar os rituais, as narrativas míticas e os saberes transmitidos pela oralidade, pretende-se compreender como os povos indígenas amapaenses mantêm viva sua memória coletiva e como, por meio dela, continuam a construir sentidos para sua existência em um mundo marcado por constantes transformações.

1. Breve histórico sobre a formação do território amapaense

Estima-se que a Amazônia corresponda a mais de 90% das florestas tropicais da América Latina, equivalendo a mais da metade do que resta desse ecossistema no planeta, cerca de 6,5 milhões de Km² (Meirelles Filho, 2006). O Estado do Amapá faz parte desse cenário e nele vivem aproximadamente

733.759 pessoas (IBGE, 2022). Logo, a Amazônia amapaense constitui-se em um ambiente estritamente urbano (IBGE[82], 2010).

No Estado, podemos perceber uma de suas características marcantes, que é a pluralidade dos sujeitos que habitam o espaço, constituindo-se de pessoas vivendo nos espaços rurais e urbanos, além de migrantes vindos de diversas regiões do Brasil e até mesmo da região das Guianas. Isto se deve a dois fatores preponderantes: a vinda de um grande aglomerado de pessoas em função dos grandes projetos aqui desenvolvidos e pelo fato de o Estado ser área de fronteira com a região das Guianas. Portanto, sua população contém traços marcantes de brancos, quilombolas, pescadores, coletores, ribeirinhos, povos indígenas, povos da floresta e pescadores.

A história do Estado do Amapá remonta os anos de 1499 quando o primeiro expedicionário europeu, Vicente Yáñez Pinzón, adentra a Bacia do Rio Amazonas navegando. No entanto:

> O desejo de colonizá-la aflora no fato de Richelieu ter criado, em 1633, uma empresa, Companhia do Cabo Norte, para explorá-la até o Orinoco. Mas assinalada ficou a viagem de Orellana, descendo de Quito e descobrindo o Amazonas, naquele tempo em geral chamado de rio Marañón. De volta à Espanha, ganha a concessão dessas imensas terras, incluindo o Amapá, e ao vir ocupá-las morre na foz do rio que descobrira, depois de naufrágios sucessivos. No mesmo ano de 1546 Luís de Melo e Silva passa pela boca do Amazonas, e com o rei de Portugal consegue também uma concessão, uma Capitania cujo nome e documentos não nos chegaram. Mas também morre no desejo de possuí-la, tragado em suas águas, em outro naufrágio (Costa; Sarney, 2004, p.15).

Apesar dos imprevistos, em 1637 a colonização europeia do Amapá foi finalmente iniciada com a concessão, através da Capitania do Cabo Norte, por Filipe IV de Espanha e III de Portugal a Bento Maciel Parente, Governador do Maranhão e Grão-Pará. Os dois reinos estavam interligados, logo, não havia limitação de territórios. Essa é a primeira vez que as terras do Amapá foram delimitadas do Oiapoque até a região do rio Paru. Embora as terras pertencessem à Espanha, a defesa era realizada pelos lusitanos, que eram recompensados com a concessão de capitanias hereditárias.

[82] Dados disponíveis em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ap/panorama. Acessado em: 10 fev. 2026.

Figura 1: Mapa da Capitania do Cabo Norte (1637 – 1686)[83]



O pacto ibérico colocava não somente a Espanha no controle de seus territórios, mas também das colônias portuguesas. Esse fator impulsionou de vez os portugueses a ocuparem a região do Amapá e a combaterem as invasões e ocupações estrangeiras.

Outro fator que corroborou para o processo de colonização foi a chegada da Companhia de Jesus, através de seus missionários jesuítas, já no século XVII. Foram várias expedições fluviais realizadas entre o Amazonas e o Oiapoque, nas quais puderam criar um sistema bem estruturado de aldeamentos para a instrução dos indígenas que aqui já se encontravam quando da chegada dos colonizadores.

Vale ressaltar que, da mesma maneira que o contato dos ameríndios com os sertanistas e navegadores não se deu de maneira amistosa, a presença das ordens religiosas também não o foi. Conflitos foram registrados e o projeto sucumbiu ante a resistência dos indígenas que acabaram matando dois padres da Companhia de Jesus (Nascimento, 2020).

[83] Fonte: Dos Santos, Fernando Rodrigues. História da conquista do Amapá. Fortaleza: Premius, 2013. p.89.

O processo de ressignificação cultural pelo qual as etnias indígenas sofreram foi gerado por dois processos nas terras do Cabo Norte. Primeiramente, a partir da desorganização dos diretórios e os descimentos, que acarretou em fugas, o que proporcionou a formação de "mocambos de índios" a partir do século XVIII como tática de resistência e estratégia para a sobrevivência dos indígenas (Gomes, 2011).

Em segundo lugar, conforme outrora mencionado, houve o etnicídio das populações indígenas como algo extremamente marcante. Prova disso são as inúmeras peças cerâmicas encontradas ao longo do século XIX correspondente às nações indígenas que viveram na região antes e durante a invasão colonial (SEBRAE, 2006).

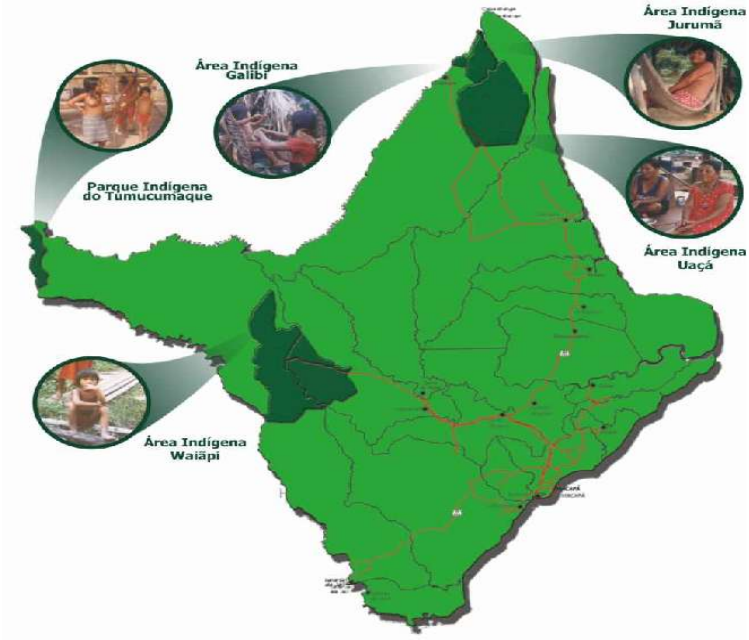
Esses materiais cerâmicos ainda são possíveis de serem encontrados atualmente durante os processos de escavação de determinadas áreas. Após terem sido descobertos, foram submetidos a estudos e, assim, foi possível classificá-los por fases arqueológicas que são: Aruã, Mazagão, Maracá e Aristé/Cunani. Fase arqueológica é um termo usado para indicar uma complexidade cultural associada entre si, relacionada no tempo e no espaço, localizado em um ou mais sítios (Leal, 2009). Dessa forma, cada fase representa um momento histórico dos povos indígenas amapaenses.

2. Os indígenas amapaenses: religiosidade e saberes de cura

Conforme já relatado, o Estado do Amapá apresenta uma forte presença indígena, logo, a cultura ameríndia[84] é algo bastante marcante e uma das características locais. Isto porque vivem no Amapá pouco mais de 10 mil indígenas (IBGE, 2022), distribuídos pelas 05 Terras Indígenas devidamente demarcadas, sendo elas: a TI Galibi, TI Juminá, TI Tumucumaque, TI Uaçá e TI Wajãpi. Nestes territórios estão presentes 09 etnias. Na região do Oiapoque ao Norte do Estado, dentros das TI's Uaçá, Juminá e Galibi, encontram-se os as etnias Karipuna, Palikur, Galibi Manrworno e os Galibi Kalinã. Na região do Parque do Tumucumaque à Oeste do Estado, na TI Parque do Tumucumaque vivem os Apalays, Tiryós, Wayanas e Kaxuyanas. Também na região Oeste do Estado, mas já no município de Pedra Branca do Amapari, estão presentes na TI Wajãpi os indígenas da etnia Wajãpi.

[84] De acordo com Cutrim (2016, p. 222), são considerados ameríndios, os povos que habitavam no continente americano, como os tupis, os maias, os astecas e os incas. Esses povos desenvolveram uma rica produção cultural que incluía belas expressões artísticas.

Figura 2: Mapa das Terras Indígenas do Amapá[85]



Destaque-se que, mesmo presentes em Terras Indígenas, por vezes compartilhadas por dois ou mais grupos, esses se distinguem em sua cosmovisão, bem como na maneira em que se organizam nas mais diversas esferas que compõem suas vidas, sobretudo no que concerne às suas manifestações culturais e religiosas. Porém, quando se trata da comparação entre esses grupos diversos e os "brancos", há um elemento que os une: a interligação de todas essas esferas por meio da religiosidade, ou seja, esta última é o elemento agregador que perpassa por todos os sentidos e modos de viver indígenas. No entanto, essa religiosidade manifesta-se de maneira diferenciada entre eles.

Esses jeitos de ser e de viver, que giram em torno do território, são o que vão compondo a identidade dessas etnias. As várias atividades por eles desenvolvidas tais como caçar, plantar, cultivar a terra, bem como suas cosmovisões e religiosidades, são expressões geradoras que os categorizam enquanto populações tradicionais, pois:

[85] Fonte: Acervo da Secretaria de Meio Ambiente do Amapá/SEMA-AP (2004).

> A Lei diz que uma população tradicional é aquela que: Possui formas diferentes dos demais brasileiros de viver; Tem identidade diferente: Usa conhecimentos tradicionais dos antepassados para viver; Mora em terras onde seus antepassados já moravam; Utiliza recursos naturais da região onde vive para continuar com sua cultura, organização social, religião e para garantir sustento dos filhos (Pereira, 2008, p.35).

De outra maneira, essa identidade será reafirmada no campo sociopolítico, pois aos indígenas é garantido legalmente o direito de serem reconhecidos como grupo étnico e, assim, terem as suas diferenças culturais asseguradas, bem como o seu território respeitado, isso em função ser em torno dele que ocorreram as mudanças desses povos, além de que isso permite entender seus significados culturais e étnicos. Para Oliveira (1999):

> [...] a noção de territorialização é definida como um processo de reorganização social que implica: 1) a criação de uma nova unidade sociocultural mediante o estabelecimento de uma identidade étnica diferenciadora; 2) a constituição de mecanismos políticos especializados; 3) a redefinição do controle social sobre os recursos ambientais; 4) a reelaboração da cultura e da relação com o passado (Oliveira, 1999, p.20).

Logo, quando refletimos sobre a presença indígena no Amapá, devemos necessariamente levar em consideração toda a sua gênese e forma de organização, de maneira que tanto seu território, quanto suas formas de transmissão social, cultural e religiosa, possam ser preservadas. Além disso, todas as representações e simbologias criadas pelos grupos indígenas presentes no Estado levam a crer que esses povos possuem uma força de transmissão cultural bastante expressiva, pois suas mitologias, criadas a partir de todo um sistema imaginário, expressam a forma como vivem e reproduzem a vida social e religiosa.

Dessa forma, os saberes indígenas são construídos a partir desse imaginário criado sempre com o auxílio da memória, pois a memória é o recurso utilizado por eles para a transmissão de seus ensinamentos, sejam eles sociais, políticos, culturais ou religiosos. Isso porque, ao contrário das sociedades onde houve o desenvolvimento da escrita, os indígenas utilizam a oralidade como base para essa comunicação que tem como foco a preservação e perpetuação de suas tradições. Desse modo, o primeiro domínio no qual se

cristaliza a memória coletiva dos povos sem escrita é aquele que dá um fundamento – aparentemente histórico – à existência das etnias ou das famílias, isto é, o dos mitos de origem (Le Goff, 2003).

Além disso, o que os faz diferenciarem-se também dos não indígenas é a maneira como se organizam em sociedade e o modo de vida que possuem, expressos não somente nos ambientes em que os modos de vida são vivenciados, uma vez que estes não são somente resultado do meio em que estão inseridos, mas também produtos da maneira como pensam. A maneira como se situam no mundo e refletem sobre ele, além da vida ritual que levam, são frutos da forma como imaginam que se deve viver. A realização de determinados rituais e em determinadas épocas, a forma variada de organização a partir do casamento, o consumo ou não de determinado alimento, tudo isso só é possível em função de seus sistemas sociocosmológicos.

A exemplo, os indígenas da etnia Wajãpi dedicam um espaço importante em suas narrativas, onde explicam sua existência e a do mundo a partir de sua cosmologia que têm na figura de *Janejarã,* o deus criador de todas as coisas e assim o definem:

> Nosso criador criou nossos ancestrais através de uma flauta comprida que chamamos de jimi'a puku. Ele deu para nossos antepassados essa flauta que usamos até hoje. Janejarã também criou a flauta ture e falou que temos que cantar dentro dessa flauta quando tocamos, e assim conseguimos ter muitos filhos e aumentar nossa população. Até hoje fazemos festas com essas flautas. Existe um tipo de ture, que chamamos de ture puku, que janejarã deixou para nós chamarmos a chuva e clarear a escuridão quando o mundo acabar (Szmrecsány; Kahn, 2012, p.12).

Na concepção Wajãpi, a existência da sociedade é resultado de um processo constante ao mesmo tempo em que apresenta mutações. Essas alterações perpassam por suas narrativas míticas acerca da criação.

Imagem 1: Indígenas Wajãpis tocando flauta turé[86]



De maneira em geral, a história dos povos indígenas do Amapá se entrelaça aos momentos de ruptura pela qual os animais e suas espécies, os vários tipos de seres que habitam a Terra (visíveis e invisíveis), entre os planos terrestres, aquáticos e celestes, etc. Então, por meio dos diversos tipos de rituais, eles buscam vivenciar esses momentos que os religam não somente com as forças invisíveis e distantes deste plano, mas com a comunidade e parentes próximos e distantes. Essa vida ritual busca antes de tudo, gerar um elo de comunicação com as forças geradoras da vida, bem como com os inúmeros seres que outrora possuíam forma humana.

São múltiplos os tipos de rituais adotados, desde os festivos, onde há a oferta e consumo de bebidas e comidas pela coletividade e onde os cantos e danças são bastante presentes, buscando sempre agregar o maior número possível de indivíduos. Uma característica em comum desses rituais, tanto para os povos do Norte do Amapá quanto para os do Oeste do Estado, é que, na maioria das vezes, a vida celebrativa está relacionada ao ciclo produtivo das comunidades. Assim, desde a produção da mandioca, do milho, até a caça e a pesca, tudo são razões para os indígenas celebrarem com a realização de seus rituais.

Em geral, não existe um calendário fixado para que essas festas possam ocorrer. Entre os Wajãpi, o momento favorável para a realização é determinado pelas mulheres da aldeia, que coordenam a preparação das bebidas, em especial do caxiri. As festas entre eles são sempre regadas com bastante bebida

[86] Fonte: Acervo do professor do Sistema Modular Indígena do Amapá-SOMEI Paulo Martins. 2015.

e a animação é realizada pelos grupos de cantadores oriundos das aldeias próximas ou de outros subgrupos, sempre a convite do esposo da "dona" da bebida.

Dentro desse universo ritualístico, há a presença daqueles que envolvem as passagens de estágios etários ou ciclos da vida e que, em certos momentos, são privados, com a reclusão do iniciado, e em outros são coletivos, para celebrarem a passagem do indivíduo por essa etapa. Estas celebrações caracterizam-se por serem cerimônias solenes e de grande festa para a aldeia e para, porventura, os convidados.

Devido à presença de padres da Igreja Católica e de pastores protestantes, algumas etnias do Norte do Estado do Amapá incluíram rituais próprios dessas denominações religiosas, como o batismo, a primeira comunhão, casamentos, etc. Exemplo disso são os indígenas da etnia Karipuna, que devido à presença católica na região, converteram-se a ela, incorporando diversos rituais e festas de santo à vida celebrativa das comunidades. Porém, mesmo com a presença de outras manifestações do sagrado, de acordo com Silney Aniká:

> [...] os elementos da etnia atualmente nós temos a questão muito forte que é a questão espiritual, essa questão espiritual com a natureza, com os rios, com os lagos, com a mata ela é muito forte, muito presente, quando se fala em costumes e a tradição de viver, de estar, da lida com a terra, da lida com a mata. Então essa cultura é ainda muito forte nos aspectos religiosos, hoje elas se misturam muito por conta da religiosidade amplificada, que é justamente a introdução do cristianismo, do protestantismo dentro das comunidades indígenas, mas que a pesar dessa religiosidade ser ampliada, essa cultura antiga em relação à natureza ela permanece muito forte e são aspectos que formam os Karipunas hoje (Silney Aniká[87]).

Assim, alguns elementos ritualísticos próprios da cultura indígena não foram apagados da memória e da vida celebrativa das comunidades, mesmo naquelas onde há a presença de certas denominações religiosas. Os próprios Karipuna, que se denominam católicos em sua grande maioria, mantêm viva a tradicional festa do Turé. A festa do Turé é organizada

[87] Trecho de entrevista concedida pelo representante dos indígenas Karipuna no Departamento Sanitário Indígena do Amapá.

pelo pajé da aldeia, unindo características recíprocas da relação entre os indivíduos e as forças sobrenaturais, conforme nos relata Simone Karipuna, liderança indígena do povo Karipuna, bem como, agora, do povo indígena amapaense:

> [...] nós temos uma forma muito própria nossa de expressar a nossa atuação enquanto cultura. Nós temos a nossa dança que é o Turé, que o Turé ele tem toda uma forma própria de ser, requer todo um ritual, requer todo um preparo, ele dialoga com o campo espiritual, com o ambiente, com as pessoas, tem tudo assim algo muito cosmológico, tudo uma expressão muito forte, também isso vem atrelado a nossa pintura corporal, a nossa alimentação (Simone Karipuna[88]).

Dessa maneira, o Turé é uma festa de agradecimento às forças invisíveis — pessoas que vivem em outro mundo, chamadas de Karuanã — pelas bonanças propiciadas por eles, em especial as curas realizadas por intermédio das atividades xamânicas dos pajés. Cantando e bebendo caxiri, os pajés aguardam a chegada dos espíritos para que estes também possam participar e festejar juntos. O maior Turé é realizado durante a lua cheia do mês de outubro, quando animais como a Cobra Grande, o jacaré, dentre outros, são aguardados para o momento; é quando o pajé canta para chamar os Karuãna, que somente ele pode ver, e usa o maracá e os cigarros de tawari para viajar ao Outro Mundo (Andrade, 2009). Nessa festa:

> [...] são oferecidos caxiri e cigarros de tauari aos espíritos denominados *karuanã*, que podem ser espíritos de animais ou almas de árvores, com quem apenas os pajés conseguem se comunicar, já que esse contato é temido pelas pessoas comuns, que não possuem os mesmos conhecimentos xamanísticos necessários para controlar a força dos *karuanã*. Assim, nas festas de Turé, são os pajés que dominam as regras de realização e de conduta dos participantes, que devem ser bem orientados quanto às danças, aos cantos e às oferendas que devem executar para não desagradarem aos espíritos homenageados (Gallois; Grupioni, 2003, p.73).

[88] Trecho de entrevista concedida pela coordenadora executiva de articulação dos povos e organizações indígenas do Amapá e norte do Pará.

Na medicina indígena há uma série de rituais que são dirigidos pelo pajé, o ser que nasce ou adquire o dom de se comunicar com ou servir de recipiente para que os encantados possam trabalhar nele e no outro por meio do uso de produtos da natureza, da energia e da espiritualidade.

Assim, salienta-se que o título de pajé carrega uma forte simbologia e aquele que é digno de tal apresenta-se como um líder, um ser sábio que possui um dom espiritual que o auxilia na aplicação da medicina da natureza.

> A medicina indígena abrange, portanto, o uso de plantas para defumação, para banhos, para ingestão, para esfregar na pele, para cheirar, para aplicar nos olhos ou nos ouvidos, entre outros modos de uso, com propósito de tratar doenças específicas, mal-estar [...] (Meneses, 2018, p.238).

Ou seja, para cada doença, limpeza ou proteção há um ritual, uma infusão e aplicação que varia conforme a estrutura corporal, o sexo e a mazela daquele que busca pela medicina indígena. Desse modo, o pajé, ao dirigir as sessões de cura, utiliza roupas especificas conforme o ritual e encontra-se em transe pois há um encantado em seu corpo.

> Os encantados foram pessoas que não morreram, tiveram uma vida terrena e por algum motivo desapareceram e se encantaram. De acordo com Maués (2005), "os encantados, ao contrário dos santos, são seres humanos que não morreram, mas se 'encantaram'. Essa crença tem certamente origem europeia, estando ligada a concepção de príncipes e princesas encantadas que sobrevivem nas histórias infantis de todo o mundo ocidental. Mas foi influenciado por concepções de origem indígena, de lugares situados no "fundo, ou abaixo da superfície terrestre, e provavelmente também por entidades de origem africana, como os orixás, seres que não se confundem com espíritos dos mortos" (Silva, 2016, p.35).

Vários ritos sobreviveram ao processo colonizador, sobretudo, às missões jesuíticas. Porém, algumas práticas se mostram unidas a outras crenças, trazendo, inclusive, uma visão cristã e espiritual entrelaçadas com a medicina indígena. Um dos ritos mais conhecidos desse seguimento é a Doutrina do Santo Daime, que atualmente contém vários adeptos e seguidores de inúmeras religiões. Nessa prática utiliza-se o chá de Ayahuasca, chamado na doutrina de *Chá de Santo Daime*.

Muitos métodos de cura se difundiram, conquistando inúmeros seguidores dos rituais ancestrais realizados com plantas, raízes, sementes, toxinas de animais, entre outros elementos da natureza, que visam limpar o corpo e a alma por meio de reações como vômito e diarreia. De acordo com esses métodos, essa limpeza é importante para que haja a cura e, acima de tudo, faz-se necessário que aquele que procura os métodos indígenas para sanar suas mazelas tenha fé nos ritos e rituais e esteja aberto para receber a cura, a limpeza ou a revelação que foi buscar.

Um exemplo disso ocorre com o povo Karipuna que utilizam diversas plantas e sementes para diversos usos. Um desses diz respeito às gestantes. Para Noeliza Iaparrá:

> Alguns desses saberes ainda permanecem em nossas aldeias, a exemplo das cascas de plantas utilizadas na cicatrização das mulheres no pós-parto, retiradas das árvores, ou plantas como o uahuxi e a andiroba, que servem até hoje para fazer banho e chá, evitando e/ou pelo menos amenizando as dores no corpo das mulheres após o nascimento das crianças (Iaparrá, 2019, p.13).

Quando a criança nasce, utilizam as fibras do carauá[89] para amarrarem em partes de seu corpo, como pernas, mãos e cintura. O intuito dessa prática é para que o recém-nascido possa crescer com vigor e força suficiente para tornar-se um guerreiro. Já para cobrir e ajudar e proteger o cordão umbilical, utiliza-se o algodão extraído do algodoeiro.

Castro (2013) ao realizar suas pesquisas com os indígenas do Norte do Amapá, destaca outras utilidades para o algodoeiro:

> O algodão tem muitas utilidades na aldeia. Serve para curar a garganta das crianças quando está inflamada, para fazer a limpeza de ferimentos quando uma pessoa se machuca e também na dança do Turé, simbolizando a cura feita pelos pajés. A semente do algodoeiro serve para tirar o óleo, para passar em pessoas paralíticas ou na parte do corpo paralisado, com o objetivo de tentar recuperar os movimentos perdidos. Serve para reumatismo. A folha do algodoeiro é pilada para retirar o sumo que se dá para a pessoa que está com a garganta inflamada

[89] Planta da espécie *Ananas erectifolius,* comum na Amazônia, cuja as fibras servem para fabricação de cordas.

> e com catarro no peito. Este sumo com uma pitada de sal e um pouco de água é colocado para ferver e é muito bom para as pessoas que estão com diarreia. O algodão é fácil de ser encontrado nas aldeias. Os artesanatos usados na dança do Turé que têm algodão são o butxe, o maracá, o bastão do jãdam,o chapéu plimaj e a coroa. As mulheres Galibi Kali'na sabem tecer as grandes redes de dormir inteiramente de algodão (Castro, 2013, p.22).

Além do uso das plantas e sementes, como os óleos da andiroba e do inajá utilizados como anti-inflamatórios, Iaparrá (2019 destaca que a "banha[90]" extraída de animais como jabutis, garibas e mucuras, servem como medicamentos para as mais diversas enfermidades.

Neste sentido, a utilização dos produtos oriundos da floresta e os rituais dos diversos grupos indígenas presentes no Amapá são assim, uma celebração das diferenças, entre os seres vivos e os seres invisíveis, dos elementos que a natureza oferta. Assim também como as celebrações são um meio para construir laços sociais e para garantir a integridade dos grupos. Os rituais também são importantes para manter as tradições vivas. Possuem uma base histórica, sendo, portanto, um meio de preservar o passado e de ensinar às gerações futuras. Constituem um meio de expressar sentimentos e de lidar com as questões da vida. Em muitos casos, eles são usados para curar doenças, resolver conflitos, e assim por diante. De maneira em geral, esta vida ritualística é importante para manter a conexão com o ambiente em que vivem, pois muitos deles envolvem oferendas aos espíritos dos animais e às forças invisíveis da natureza.

[90] Refere-se a gordura de animais que são submetidas ao processo de aquecimento para serem extraídos os oléos e que após resfriados tornam-se uma espécie de creme/pasta.

Imagem 2: Festa do Turé durante o II Fórum Indígena promovido pelo governo do estado do Amapá[91].



Percebe-se que pela mística e profunda relação com a natureza bem como os espíritos que nela habitam, tratar-se de uma das expressões culturais e religiosas da comunidade. Neste sentido, os rituais das comunidades indígenas no Amapá podem ser compreendidos como verdadeiras expressões festivas e celebrativas e que buscam acima de tudo a interação entre os diversos sujeitos que ali coexistem, sejam eles mais próximos ou distantes.

Portanto, falar da vida ritual dos povos indígenas e das festas das várias etnias presentes no Estado do Amapá, onde são diversas e intensas, sempre regadas à tradicional bebida fermentada, o caxiri, a presença dos cantos e das danças, dos instrumentos musicais por eles utilizados, em especial, as flautas. Tudo isso reflete a vida celebrativa e religiosa desses sujeitos. Além disso, são práticas que em sua maioria, conduzem a cura tanto do corpo físico, como do espiritual. Mais que isso, falar da cultura e da religiosidade da cultura ameríndia do Amapá é viajar no passado de luta e de resistência destas comunidades, uma vez que ao longo da história foram silenciadas ante o processo colonizador que perdura até os dias atuais, nas mais diferentes esferas da vida amapaense.

[91] Fonte: Acervo do repórter cinematográfico Wenndel Paixão. 2017.

Considerações Finais

A análise da presença ameríndia no Amapá, especialmente no que se refere às práticas religiosas de cura, evidencia a força e a resiliência dos povos indígenas diante de séculos de colonização, imposições culturais e tentativas de apagamento. Longe de serem meros vestígios de um passado remoto, essas práticas se mostram vivas, dinâmicas e profundamente enraizadas na vida cotidiana das comunidades. Elas não apenas garantem a continuidade de tradições ancestrais, mas também funcionam como instrumentos de resistência frente às pressões externas que buscam homogeneizar modos de vida e crenças.

Os rituais de cura, conduzidos pelos pajés, e as festas coletivas como o Turé, revelam uma cosmovisão que integra corpo, espírito e natureza em uma rede de significados que ultrapassa a lógica ocidental de saúde e doença. Essa visão holística, que considera a interdependência entre seres visíveis e invisíveis, entre humanos e não humanos, reafirma a importância de compreender a medicina indígena não apenas como prática terapêutica, mas como expressão cultural e espiritual.

Além disso, a presença ameríndia no Amapá nos convida a refletir sobre a necessidade de valorização e respeito às diferenças culturais. Em um Estado marcado pela diversidade étnica e pela pluralidade de sujeitos, reconhecer o papel dos povos indígenas significa também reconhecer que sua história, seus saberes e suas práticas são fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa e plural. A territorialização, a memória coletiva e a oralidade são elementos que asseguram a continuidade dessas culturas e que, ao mesmo tempo, oferecem alternativas para pensar novas formas de relação com o ambiente e com o sagrado.

Portanto, ao abordar as práticas religiosas de cura dos povos indígenas amapaenses, este estudo reafirma que a cultura ameríndia não é apenas parte do passado, mas um componente essencial do presente e do futuro da região. Suas narrativas, rituais e saberes constituem um patrimônio imaterial que precisa ser preservado e respeitado, não apenas como herança cultural, mas como fonte de ensinamentos sobre modos de viver em equilíbrio com a natureza e com a coletividade.

Em última instância, falar da presença indígena no Amapá é reconhecer que sua história é também a história do Estado e que suas práticas religiosas de cura são expressões de resistência, de identidade e de vida. É compreender que, apesar das adversidades impostas pelo processo colonizador e pelas transformações contemporâneas, os povos indígenas continuam a afirmar sua existência e a transmitir, por meio da oralidade e da vida ritual, um legado que

ultrapassa fronteiras e que permanece como força vital para toda a sociedade amapaense.

Referências

ANDRADE, H. M. *Turé dos povos indígenas do Oiapoque*. (org) IEPÉ, 2009.

BATISTA, A. *Origens dos clãs palikur-arukwayene Kinetihwakri amin ku karintak arukwayene himaw*. Trabalho de Conclusão de Curso, Licenciatura Intercultural Indígena (CLII), área Ciências Humanas, Oiapoque, novembro de 2018.

CASTRO, E. *Artefatos e matérias-primas dos povos indígenas do Oiapoque*. Iepé e Museu Kuahí. 1. ed. São Paulo: IEPE – Instituto de Pesquisa e Formação Indígena, 2013.

COSTA, P, SARNEY, J. *Amapá: a terra onde o Brasil começa* / José Sarney & Pedro Costa – Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2004. 270 p.: il., fot. (2a edição) – (Coleção Brasil 500 anos).

GALLOIS, D. T; GRUPIONI, D. F. *Povos Indígenas no Amapá e Norte do Pará: quem são, onde estão, quantos são, como vivem e o que pensam?* (org) IEPÉ, 2003.

GOMES, F. *Migrações, populações indígenas e etno-genese na América Portuguesa (Amazônia Colonial, s. XVIII)*. Nuevo Mundo Mundos Nuevos [En línea], Debates, Puesto en línea el 31 enero 2011, consultado o 12 maio 2023. URL: http://journals.openedition.org/nuevomundo/60721.

IAPARRÁ, N. *Uma ajudando a outra: memórias das parteiras Palikur do Urucauá*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de Licenciatura Intercultural Indígena, Universidade Federal do Amapá, Oiapoque, 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo Demográfico 2022: Panorama do Estado do Amapá*. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ap/panorama. Acesso em: 10/02/2026.

LE GOFF, J. *História*. In: LE GOFF, J. História e Memória. 5ª. Campinas, SP: UNICAMP, 2003, p. 1 – 171.

LEAL, L. L. *Maracá e Cunani [manuscrito]: imagens institucionais para o Amapá*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais, 2009. 105f.

MEIRELLES FILHO, J. C. *Livro de ouro da Amazônia*. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

MENESES, P. G. *Medicinas da floresta: conexões e conflitos cosmo-ontológicos*. Horiz. antropol., Porto Alegre, ano 24, n. 51, 2018. p. 229-258.

NASCIMENTO, B. R. M. *Indígenas e Jesuítas na fronteira amazônica colonial: caso das Terras do Cabo Norte*. Revista Latino-Americana de História, vol. 9, nº. 23 – jan./jul. de 2020, pp. 182 – 204.

OLIVEIRA, J. P. de. *Uma etnologia dos "índios misturados": situação colonial, territorialização e fluxos culturais*. In: OLIVEIRA, João Pacheco de (org). A viagem da volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena. Rio de Janeiro, RJ: Contra Capa, 1999.

PEREIRA, L. F. *Legislação ambiental e indigenista: uma aproximação a o direito socioambiental no Brasil*. IEPÉ, 2008.

SERVIÇO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS NO AMAPÁ – SEBRAE/AP. *O legado das civilizações Maracá e Cunani: o Amapá revelando sua identidade*. Macapá, 2006.

SILVA, K. da L. *O Ser Pajé: histórias de pajelança e encantaria em Cururupu no tempo presente*. Monografia (Graduação) – Curso de História, Universidade Estadual do Maranhão, 2016. 75f.

SZMRECSÁNYI, L.; KAHN, M. *Mosikoa'y rã kõ: Plano de ação Wajãpi*. (org) IEPÉ, Macapá-AP, 2012.